José Graziano da Silva
Novo diretor-geral da FAO

Erradicação da fome, o eixo central

Por Paulo Roque

AO ASSUMIR, este mês, a direção da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) Graziano fala de seus planos, principalmente no que diz respeito ao combate à fome no mundo.

AGROANALYSIS **O senhor fala que erradicar a fome é meta razoável e alcançável. Quando acha que essa meta vai ocorrer?**

JOSÉ GRAZIANO O mundo produz alimentos suficientes para satisfazer as necessidades básicas de todos seus sete bilhões de habitantes. Há 60 anos, Josué de Castro já dizia que a fome era um fenômeno político. Entender isso é fundamental para poder combater um problema que envolve tantas áreas distintas – produção, acesso, nutrição, econômica etc.

Foi isso que o ex-presidente Lula fez em 2003 ao dizer que queria que cada brasileiro fizesse três refeições por dia. O Fome Zero colocou a luta contra a fome no centro da agenda do governo e mostrou que é possível crescer com inclusão e reduzir a fome e a miséria em um período curto. Esse é o compromisso, também assumido por outros países, que queremos que ganhe força.

Eu me elegi com um programa composto de cinco pilares que vão orientar meu mandato: erradicar a fome; avançar rumo à produção e ao consumo sustentável de alimentos; criar um sistema de governança da segurança alimentar mundial mais justo e efetivo; concluir a reforma da FAO; e ampliar as parcerias e a Cooperação Sul-Sul. O eixo central é a erradicação da fome.

AGROANALYSIS **Pode-se colocar uma data para a erradicação da fome?**

JOSÉ GRAZIANO É difícil, porque isso depende de um compromisso dos governos e da implementação de um conjunto de políticas e ações. Até agora, a nossa foi a única região a assumir um compromisso claro através da Iniciativa América Latina e Caribe sem Fome 2025. Uma data, bem como colocar a meta na erradicação em vez da redução da fome, ajuda a dar um sentido de urgência maior para esse desafio. Mas mesmo sem uma data, o importante é começar a atuar agora, com ações de curto e longo prazo.

O meu mandato na FAO será curto, termina em 2015, junto com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Embora muitos países estejam perdendo a luta contra a fome, acredito que até lá possamos reverter a alta recente no número de pessoas subnutridas no mundo e pegar um embalo para avançar em direção à erradicação desse mal. Digo isso, porque as seguidas crises colocaram a luta contra a fome de volta ao centro da agenda internacional. E essa luta é um elemento que pode aglutinar governos, iniciativa privada e sociedade civil e dar coerência aos esforços para combater as diversas crises que enfrentamos hoje: climática, energética e econômico-financeira.



> “...erradicar a fome e avançar rumo à produção e ao consumo sustentável de alimentos”

Da FAO, quero atacar a fome em dois níveis: um esforço concentrado em países com maior insegurança alimentar e que estejam decididos a dar a essa questão a prioridade necessária, complementado a

nível global pela implementação de um sistema de governança mais eficiente.

AGROANALYSIS Qual o papel que o Brasil poderá ter nesse processo? Como vê a Embrapa nisso?

JOSÉ GRAZIANO Países em desenvolvimento, principalmente na África, têm grandes expectativas para cooperação com a Embrapa. Ao longo dos últimos anos, a Embrapa conseguiu importantes avanços na tropicalização da agricultura. Pelas características geográficas e climáticas do continente africano, tecnologias brasileiras podem ter resultados muito positivos na África. A Embrapa já está trabalhando nesse sentido.

O grande desafio aqui ainda está nas mãos do Brasil. O País está fazendo a transição de receptor para doador internacional e, para completar esse salto, precisa reforçar sua institucionalidade. Hoje, a estrutura da cooperação brasileira ainda está orientada a receber e não entregar ajuda. Outros países em desenvolvimento também têm valiosas experiências a compartilhar. Cerca de 90% da produção de cereais na Argentina, por exemplo, são feitos utilizando a técnica do plantio direto, que ajuda a preservar o solo e a água e pode ser adaptada aos países africanos.

Por isso, a Cooperação Sul-Sul foi um dos pilares centrais da minha campanha. Acho que a FAO pode ser um catalisador dessa nova forma de cooperação. Uma coisa importante a ter sempre em mente é que, ao contrário da cooperação tradicional, a Cooperação Sul-Sul é muito mais horizontal. O benefício é recíproco, como doadores e receptores aprendendo uns dos outros; ela busca soluções a problemas identificados em conjunto com os governos e as comunidades, e não impõe soluções de fora.

AGROANALYSIS O senhor acredita no cooperativismo como instrumento efetivo para organizar a produção rural e melhorar a renda no campo?

JOSÉ GRAZIANO Sem dúvida. E para 2012 quero reaproximar a FAO das cooperativas também no plano internacional.

> “Para 2012, quero reaproximar a FAO das cooperativas também no plano internacional”

Já conversei sobre isso com representantes do setor privado que participam do Comitê de Segurança Alimentar Mundial.

AGROANALYSIS O senhor acha possível replicar o Bolsa Família em outros países, inclusive nos mais pobres e com menos recursos?

JOSÉ GRAZIANO Cada país tem suas próprias características, e não podemos simplesmente exportar um modelo pronto – seja do Brasil ou de qualquer outro país. No entanto, não cabe dúvida que diversas políticas do Brasil e de outros países em desenvolvimento podem inspirar ou ser adaptadas para terceiros países. Em diversos países da América Latina e do Caribe, a FAO já está trabalhando em conjunto com o governo brasileiro na implementação de programas que vinculam a produção da agricultura familiar à alimentação escolar.

Atualmente, 18 países da América Latina e do Caribe têm programas de transferência de renda que beneficiam cerca de 113 milhões de pessoas. Esses países chegaram a conclusões parecidas com as nossas: transferência de renda responde a situações de maior carência de uma maneira que estimula os mercados locais, gerando um benefício adicional. E isso é feito a um custo relativamente baixo. No Brasil, o Bolsa Família custa apenas 0,4% do PIB e beneficia 13 milhões de famílias.

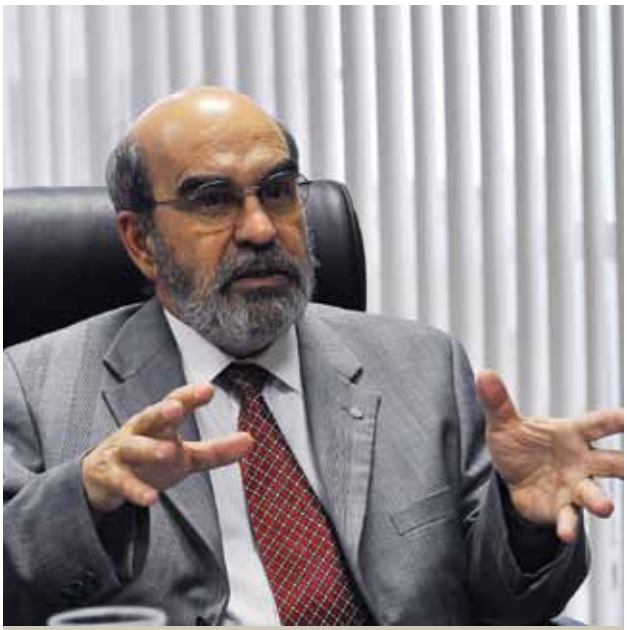
AGROANALYSIS O senhor acredita que falta melhorar a comunicação da agricultura para que as sociedades urbanas apoiem políticas agrícolas desenvolvimentistas? Como a FAO pode intervir nisso?

JOSÉ GRAZIANO Ao longo das últimas décadas, a agricultura vem perdendo espaço como atividade dentro do mundo rural. Isso acontece à medida que funções da unidade agrícola vão passando a outros âmbitos. Por exemplo, o uso de fertilizantes químicos e a tração mecânica criaram indústrias que apoiam a atividade agrícola, mas são diferentes dela. Ao mesmo tempo, o mundo rural como território social também vem, literalmente, perdendo terreno para o mundo urbano, levando a uma verdadeira “urbanização do rural”.

Essas são tendências que vêm de décadas que não serão revertidas. Por outro lado, existe uma crescente preocupação das sociedades urbanas sobre os alimentos: de onde eles vêm, como foram produzidos, o que eles contêm, quanto custa sua produção em termos econômicos, sociais e ambientais. Elas assinalam uma convergência do mundo urbano e do rural em torno da alimentação, que é o tema maior da FAO. Esses são elementos que impõem novos desafios os quais a agricultura precisará responder e que devem ser considerados na hora de decidir uma política agrícola.

Um eixo central dessas novas preocupações é a sustentabilidade. Uma forma de responder é fortalecendo os circuitos locais de produção e consumo. Isso tem várias vantagens: aproxima o consumidor do produtor, oferece uma saudável diversificação da dieta com alimentos frescos e tradicionais e diminui muito os custos relacionados ao transporte.

O chamado agronegócio também deve responder a essa preocupação. A Revolução Verde foi responsável por um grande salto de produtividade agrícola a partir dos anos 60. No entanto, o modelo adotado tem um impacto significativo no meio ambiente. Precisamos investir numa re-



> “O desafio que temos é construir juntos o mundo sem fome que acreditamos ser possível”

volução duplamente verde, que aumente a produtividade agropecuária de maneira sustentável. A FAO tem chamado esse novo paradigma de *save to grow* – preservar para crescer. E isso é perfeitamente viável.

Também precisamos olhar para o futuro: até 2050, a população do mundo deve subir dos atuais sete para nove bilhões de pessoas. A FAO estima que, mantidos os atuais padrões de consumo dos países desenvolvidos ocidentais, vamos ter de aumentar a produção de alimentos em 70% – porque além de aumentar a quantidade de pessoas elas também vão comer melhor.

É interessante notar que, ainda que aumentemos a produção, a FAO estima que, ainda, teríamos 370 milhões de pessoas subnutridas, porque elas continuariam sem acesso adequado aos alimentos. Melhorar o acesso é fundamental, e isso passa pelo investimento na agricultura familiar, fortalecimento de redes de proteção social e por melhores empregos e renda. Precisamos, também, buscar mudanças nos padrões de consumo da população mundial. Se todo mundo adotar essa dieta “ocidental”, vamos colocar uma pressão muito grande sobre os recursos naturais.

AGROANALYSIS O senhor acredita que agroenergia também é um projeto replicável para garantir a oferta sustentável de energia renovável, como a cogeração de eletricidade em usinas de cana? Há conflito na produção de alimentos e bicombustíveis?

José Graziano Os impactos, positivos e negativos, da produção e do uso de bicombustíveis variam de acordo com as condições geográficas de cada país, o tipo de matéria-prima utilizada. Cada país deve avaliar a possibilidade de produção de bicombustíveis a partir de suas condições específicas e considerando o impacto que isso pode ter sobre outros países.

No caso brasileiro, a produção de etanol a partir de cana-de-açúcar não afeta a segurança alimentar. O Brasil tem mostrado que é possível aumentar a produção de biocombustíveis e de alimentos ao mesmo tempo, e que isso pode gerar também um benefício para o pequeno produtor, como no caso da produção de biodiesel.

No entanto, esse modelo não é replicável em todos os países. Um estudo conjunto da FAO e da Cepal indica que, na América do Sul, apenas Argentina, Brasil, Colômbia e Paraguai teriam as condições de ampliar significativamente a produção de bicombustíveis, principalmente, através da recuperação de terras degradadas.

Se utilizarmos matérias-primas como milho, oleaginosas e outras que também são alimentos ou insumos na cadeia produtiva, a coisa muda de figura. Nesse caso, pode existir um impacto na segurança alimentar ainda que haja um crescimento na oferta agregada dessas *commodities*. Aqui, há uma questão adicional, a produção de biocombustíveis nos Estados Unidos e na Europa só é economicamente viável com subsídios à produção. Por isso, defendemos que esses países revisem suas políticas de subsídios para a produção de biocombustíveis.

AGROANALYSIS Sua eleição à Diretoria-Geral da FAO foi uma grande e honrosa conquista para o Brasil. A que atribui a sua vitória histórica?

José Graziano Eu acho que minha vitória foi uma vitória da esperança. Muitos países olham para o Brasil e se sentem inspirados pelo caminho que trilhamos e que tem conseguido reduzir a fome e a miséria rapidamente em um período curto. Para citar apenas um numero, a desnutrição infantil recuou 61% entre 2003 e 2010. No plano simbólico, esse foi o grande atrativo da minha campanha. Igualmente importante foi a coesão dos países da América Latina e do Caribe. Praticamente toda região apoiou minha candidatura, inclusive com declarações formais de blocos de países como a União de Nações Sul-americanas (Unasul), o Mercosul e a Comunidade de Países do Caribe (Caricom). Soma-se aí o apoio decidido também dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Mas como eu falei logo apos a eleição, em 2012 eu serei um diretor-geral de todos os países. E o desafio que temos é construir juntos o mundo sem fome que acreditamos ser possível. ■

Texto elaborado a partir da entrevista original publicada na edição de número 17, de novembro de 2011, da série *Cadernos FGV Projetos*, intitulado *Agribusiness in Brazil*.